

# Raízes côncavas para uma arte convexa.

*Daniel Maillet, Fortaleza, 2004*

As vivências com minha família me fizeram crescer em países com línguas e culturas diferentes, ao ponto de não sentir pertencer à uma nacionalidade específica. Quando vim viver no Brasil, frequentemente me perguntavam das minhas origens, as minhas respostas deixavam uma predição confusa ao interlocutor: nascido em Zurique (em 1956), ambos os pais alemães, nunca vivi na Alemanha, crescido na Itália, nacionalidade Suíça, sobrenome francês ...

Minha mãe é de origem Bavarese e se chama Regina Lippl, tenho dois irmãos Nikolaus e Oliver e um pai adotivo italiano Gerolamo Gatti, do meu pai biológico falarei mais para frente.

Os lugares da minha infância eram os alpes italianos, montanhas altas e íngremes com invernos ásperos e frequentemente nevadas até um metro ou mais. Então o imenso e estuendo vale no qual vivia, era totalmente branco e silencioso porque a neve absorve todo o rumor, um clima fantástico que hoje está muito mudado, paisagens de Breugel, Altdorf ou Friedrich projetados no presente. O habitat era constituído principalmente por agricultores muito pobres, filhos e netos de ex-meieiros, ou seja, agricultores que até a década dos anos 20/30 trabalharam a terra do patrão com a obrigação de dividir a metade da colheita como contraposição, uma forma de escravidão menos aparente. No verão ia para alta montanha, por meses com um tio, 5 vacas e um cão. O contato com a natureza era um verdadeiro “radical- full-immersion”, algo que todas as crianças deveriam poder ter: árvores de fruta com frutos deliciosos (dos quais , infelizmente, hoje o gosto desapareceu miseravelmente , devido ao cultivo industrial, animais domésticos e selvagens, jogos simples e antigos e um saudável contato com anciões, personagens fortes de atávica aparência. Mas nem tudo brilhava, eu tinha uma cara de alemão e vivia em uma região onde as lutas partidárias contra os nazistas eram cruéis, o ódio em relação ao tirano permeava e se infiltrava no relacionamento com os companheiros de escola. Minha mãe, mulher enérgica e com muita criatividade, cresceu em um ambiente culto, era filha do escritor e dramaturgo Alois Johannes Lippl nascido em Munique em 1903. Quando eu tinha 10 anos, graças a uma herança que recebeu, ela construiu um restaurante e uma discoteca e nós nos mudamos. A minha vida se tornou de repente mundana e melhorou por um certo período. Tinha muito trabalho e eu fazia de tudo: DJ (entre as coisas belas), servente, faxineiro e caixa e entre as coisas menos agradáveis, eu tentava manter calmos os

clientes mais violentos e arruaceiros do local, sem possuir nem força nem a idade para poder fazê-lo. O bem-estar nos trouxe cultura, uma arquitetura moderna nas casas construídas daquela época onde vivíamos, objetos de design, livros, música e cultura pop. Aos 14 anos tinha uma moto cross e esquiava como um louco, na escola eu era um desastre e aos 15 anos tive que escolher uma profissão. Meu pai, que então vivia na Suíça italiana, me propôs frequentar uma escola de arte aplicada em Lugano, uma mini Bauhaus, com ótimos docentes. Com pesar deixei aquele vale, mas com alegria iniciei os estudos de comunicação visual e assim pude resgatar o meu interesse pelos estudos; a escola era anti- autoritária e eu vivia em um ambiente hippie total, um sonho! O professor Bruno Monguzzi, excelente gráfico, homem engenhoso e apaixonado no ensino, marcou profundamente aqueles anos de estudo. Tipografia, fotografia, projeção e paginação gráfica, o estudo da comunicação contemporânea e a arte do século XX, preencheram aqueles cinco anos de estudo.

Mas no final não escolhi esta profissão, aos 20 anos fui viver com meu pai Leopold Mayer, um mestre da gravura e um excelente pintor. O conhecia pouco, quando criança, durante as férias de verão, nos levava para a praia na Itália ou na França com a sua Combi VW-bus decorada tipo trailer, fazíamos paradas em aldeias medievais, templos gregos, visitávamos cidades e museus e pulávamos de um local ao outro como ciganos. Morei com ele, aproximadamente 7 anos e fiz um longo aprendizado de botega, aprendi o desenho, a aquarela, a gravura e o ajudava em todas as suas questões pessoais e profissionais. Dividíamos uma vida intensa e nem sempre ausente de conflitos, tínhamos 54 anos de diferença. A sua casa-atelier, imersa em um exótico bambuzal com antigos castanheiros, era uma espécie de loft, repleto de bugigangas com obras de arte pelo chão, penduradas no teto e nas paredes, objetos extravagantes em todas as partes, uma desordem indescritível e, ao seu modo, perfeita. Ele: homem pequeno de estatura, refinado e elegante, brincalhão e irônico, autoritário, severíssimo, um observador sempre alerta. Leopold também deixou uma marca notável na minha vida. Nasceu em 1902 em Frankfurt sobre Meno, filho de hebreus comerciantes, estudou arte e foi aluno do pintor expressionista Max Beckman. Ao ápice do seu crescimento profissional recebeu do Nazismo a proibição de exercer sua profissão de artista, era uma espécie de condenação à morte, as coisas estavam mudando na Alemanha. Ele propôs a todos os seus parentes (num tempo em que isso era ainda possível) que se mudassem para a Suíça e comprassem terras, mas ninguém o escutou, e ele fugiu sozinho para a França. Minha avó foi fuzilada em algum lugar no bosque, não sei onde e os parentes desapareceram todos arrastados pela patológica loucura genocida alemã. Em 1944 depois de mirabolantes fugas, traumas

psíquicos e físicos, Leo Mailliet (assim se chamara depois meu pai) foi ajudado por padres protestantes, freiras e partidários franceses a refugiar-se na Suíça. Suas histórias de guerra e perseguição me eram contadas durante os nossos longos e tranqüilos cafés da manhã à mesa da cozinha. Estas histórias foram o único contato com o mundo hebraico que eu tive. Naqueles anos, muitos dos meus coetâneos, enquanto eu trabalhava assiduamente, viajavam pelas Índias e as Américas, verdadeiros mochileiros, os invejava um pouco, mas meu percurso teria sido um outro, realmente não teria imaginado que duas décadas após, eu teria sulcado o oceano e teria vindo viver no equador brasileiro, em lugares quentes com territórios virgens e sem confim, no qual ainda sobrevive “entre as linhas” e entre a onipresente civilização contemporânea, a suave doçura da cultura ameríndia.

Mas naquele tempo as minhas viagens, na maior parte à trabalho, se limitavam a Mitteleuropa, Praga, Londres, Viena, Paris, Budapest, Berlim, Munique. Meu irmão Nikolaus foi também morar com nosso pai e nos ajudou, me senti aliviado e com a ajuda de uma bolsa de estudo recomecei a estudar em Milão, na Academia de Belas Artes de Brera. Foram anos felizes, me alegrava passar os dias na Biblioteca Braidense ou Ambrosiana, a cidade pululava de eventos e galerias de arte, era aproximadamente a metade dos anos oitenta. A minha arte estava crescendo porém, com uma formação às avessas, iniciando com as sofisticadas artes da comunicação visual, projetada no expressionismo das vanguardas históricas através de Leo e ao final do estudo do desenho clássico na academia, onde o professor Beppe Devalle ainda praticava a cópia do modelo vivo. Eu estava estudando os mestres renascentistas e os antigos, num momento em que a pintura e o desenho eram suprimidas pelo mercado de arte, em virtude das novas linguagens e tendências contemporâneas, mas eu amava desenhar e continuei esta minha pesquisa poética: tradicionalíssima por um lado e paradoxalmente, pelo período histórico no qual eu estava vivendo, anti-conformista. O auge deste período, se completou com o meu matrimônio com uma elegante mulher italiana, literata e artista Sabrina Rovati. Meu pai Leo morreu e eu tive que voltar para a Suíça para organizar o seu loft. O meu trabalho sobre a figura humana e o desenho continuava impávido, também no Cantão Ticino, na casa paterna onde eu morava. A minha poética, com os anos, se concentrou sempre mais sobre o retrato, uma paixão pessoal para a retratística do passado. Trabalho com modelos vivos, mas na cópia sempre procurei ir além da mera fisionomia, além da pele, ou da aparência do retrato, é ali que para mim, o trabalho se torna interessante. Quando retrato, me esqueço totalmente do sujeito, da figura, e me deixo balançar dentro das formas e das cores, que o meu ver percebe, mantendo a fidelidade fisionômica do retratado, surge um realismo expressionista com uma conotação objetiva.

O meu casamento com Sabrina estava se desfazendo, uma porta se fechava e um “novo mundo” se abria: eu escutava Bossa-Nova e praticava a Biodança com Rolando Toro. Fui convidado a participar de um congresso de Biodança na Bahia e assim fiz minha primeira viagem à América do Sul, fiquei encantado com Salvador, aquele pedaço da África importado à força, e pela sua gente. Eu deveria permanecer 3 semanas, mas fiquei 5 meses, aprendi a língua por jogo, com um pequeno vocabulário, repetindo os sons das pessoas falando durante os meus longos trajetos em ônibus. Fui recebido, não como turista, mas como se sempre tivesse feito parte daquele lugar. Uma amiga ceramista, Rita Vinhas, me empurrava para esculpir a argila, mas eu denegria a oferta, eu era somente pintor, mas um dia provei e por encanto consegui, sem fadiga, modelar os alinhamentos fisionômicos de um rosto, me dei conta que sabendo desenhar bastava copiar as formas tridimensionais que via, aliás a operação era mais simples que pintar, porque não devia conceitualizar o trabalho para torná-lo bidimensional, assim me descobri, também, escultor. Nesta “fase tropicalista” conheci na Suíça, a minha atual mulher Marcia, brasileira de Curitiba, ela é a primeira de três gerações de emigrantes vênets, originários de Agordo, que retornou na Itália.

Nasce nossa filha em 1996, e isso me trouxe impulsos inovadores e vitais a todos os efeitos.

Os brasileiros que vão ao exterior, ou não querem mais retornar, ou depois de um tempo bate a “saudade brasileira”, era o caso de Marcia, mas eu também tinha vontade de mudar de ambiente para ter mais tempo disponível para as minhas pesquisas artísticas e assim em 2001 nos mudamos para o nordeste do Brasil, em Fortaleza.

As minhas obras sofreram a clássica metamorfose estilística que contaminou muitos pintores transferidos nos países quentes, tropicais ou equatoriais. A pincelada recebeu calor e cor e, visto que não sou um gestual instintivo, mas um controlado, pondero cada linha, gosto de aproximar, conscientemente cromias de complementares com ênfase em pigmentos fluorescentes, observo as refrações luminosas sobre a epiderme, sem falsear no realismo exagerado. Em parte estou retornando às minhas origens expressionistas, mas sem distorcer as formas como faziam os “Brücke”, nesta melting-pot equatorial retrato ameríndias, caboclos, cafuzos, mulatos e mestiços, nos quais não se consegue mais reconhecer as origens, pela nova fisionomia deles que se formou nos séculos.

Freqüentemente penso em Paul Gauguin e as suas haitianas com roupas floridas, as minhas ameríndias estão com jeans e celular, no rosto um olhar que parece deixar transparecer a triste história de assimilação, onde não se vê nada daquela vida pura e alegre das florestas, nem a memória daquilo que existiu.

As minhas esculturas de figura inteira e tamanho real possuem um “back ground” ligado à cerâmica dos anos 1400, lombarda e toscana, mas não só, quando trabalho, quer queira ou não, uma multidão de bonecos estão presentes na minha memória visual, mármores de Nicoló Pisano, aqueles de Fídia ou do período arcaico, um Nicolaus Gerhard von Leyden, Gil de Siloé, os anônimos do Duomo de Colônia ou de Naumburg e outros ainda; é quase impossível me afastar mentalmente destes reflexos de imagens.

Contrariamente à pintura, na terracota reencontro a doçura e harmonia, talvez também, devido à maleabilidade do material e seguramente à transposições de atmosferas locais ou a um rosto brasileiro no qual freqüentemente, justamente, se misturam fisionomias de populações provenientes dos quatro continentes. Para um artista figurativo o Brasil é uma grande fonte de inspiração e não é só isso, é um país em plena evolução sob todos os aspectos, nas atitudes de vida simples não existem esquemas fossilizados de costumes milenários, tudo vem recebido com abertura e sob outros aspectos é também difícil viver aqui. Ainda se sentem e se vêem piagas ainda abertas, em todas as partes na paisagem e entre as pessoas, floresce um trauma profundo, este país sofreu um pulo de milhares de anos, de uma cultura de caçadores e colhedores o “planeta verde” foi lançado no futuro. Faltaram os entre-meios das lentas passagens culturais, que uniram um período histórico a um outro, e da Europa, com certeza, não chegou humanidade, cultura ou aquela consciência social que hoje, depois de muitas lutas, se evoluiu em vários países ocidentais. Sempre devo pensar que muitas tribos de ameríndios, originários do Brasil e das Américas, viviam com uma visão e concepção biocêntrica e holística da vida (apesar de, ainda hoje, serem considerados, por muitos, como sub-humanos). Estes possuem uma atitude ecológica em relação ao planeta que nós contemporâneos, apesar da “civilização”, “instrução” e tecnologias não conseguimos praticar!

Uma insensibilidade geral pela vida devassa deste país e de conseqüência muitas formas sensíveis de expressão. Para um artista sobreviver do próprio trabalho é quase impossível, na maior parte do território brasileiro por outro lado, e não se pode pretender diferentemente, seria impossível importar épocas de 3000 anos de mudanças, artísticas e humanas, como aconteceu na bacia do Mediterrâneo e seria injusto pretendê-lo, cada novo país deve sulcar os seus campos\*. A música brasileira encontrou linguagens novas e inéditas no século XX, por precisas razões históricas. Nas artes visuais, ao invés, também existiram e existem artistas excelentes, não conheço muitas trajetórias artísticas independentes ou verdadeiros movimentos, mas somente “ismos” fortemente condicionados da cultura artística ocidental dominante. Estou convencido que aparecerão novas formas de expressões de arte tipicamente brasileira, logo que o país adquirir uma

sua sensibilidade e igualdade social. A arte visual para ser criada, qualquer que seja a linguagem utilizada, requer investimentos. Precisamente: a arte e a cultura podem desenvolver-se somente onde existe bem-estar individual e social, a precariedade e as misérias na existência material foram sempre inimigas das artes, da cultura e da imanência de hoje estar neste planeta.

*Daniel Maillet, Fortaleza, agostoMMIV, escrito para a revista de arte editada por Israel Kislansky, São Paulo.*

\* Sou consciente de que uma evolução é praticamente impossível, até que os países do terceiro mundo, a América do Sul e sobretudo a África, continuem aprisionados pela mordida aniquiladora dos débitos e relações econômicas devastantes (pseudo ajuda) com os países, bancos e sociedades ao norte do equador, dos quais somente estes últimos tiram vantagens.

.